

Representações de lideranças femininas em séries: uma análise de Siobhan ‘Shiv’ Roy, da série *Succession*¹

Isabelle Veloso Sousa²
Kalliandra Quevedo Conrad³
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo

Este trabalho analisa como a série *Succession* constrói a representação de lideranças femininas a partir da trajetória profissional de Siobhan “Shiv” Roy. A pesquisa, fundamentada nos Estudos Culturais (Hall, 2016) e nos estudos de gênero (Butler, 1990; hooks, 2000), articula também os conceitos de serialidade (Esquenazi, 2011; Mittell, 2012) e construção de personagens (Mittell, 2015; Rimmon-Kenan, 2005). A metodologia combina análise narrativa, com foco na aplicação do modelo actancial de Greimas (1976), para mapear os fios narrativos associados à busca da personagem por legitimidade no ambiente corporativo. Os resultados evidenciam como sua trajetória reflete os desafios enfrentados por mulheres na busca por poder e reconhecimento, atravessada por estereótipos de gênero, deslegitimação simbólica e barreiras estruturais que reproduzem as dinâmicas de exclusão do mercado de trabalho contemporâneo.

Palavras-chave

Representação; Liderança Feminina; Gênero; Ficção Seriada ; *Succession*;

1. Introdução

As representações culturais desempenham um papel fundamental na construção de sentidos sobre o mundo social, especialmente quando se trata das relações de gênero e dos espaços de trabalho. No campo do audiovisual, as produções televisuais seriadas não apenas refletem, mas também produzem discursos que moldam percepções sociais sobre papéis, identidades e dinâmicas de poder. Nesse contexto, analisar como essas narrativas constroem personagens femininas em busca de posições de liderança permite tensionar estereótipos e discutir os desafios impostos às mulheres em ambientes majoritariamente dominados por homens.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada no Bacharelado em Comunicação Organizacional na Universidade Tecnológica Federal do Paraná: bellvsousa@gmail.co.m

³ Professora Doutora do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná: kconrad@professores.utfpr.edu.br.

Este estudo tem como objetivo analisar como a personagem Siobhan “Shiv” Roy (Sarah Snook), da série *Succession* (HBO, 2018–2023) é contruída e representada, evidenciando a trajetória profissional da personagem e as tensões de gênero que atravessam sua busca por legitimidade no ambiente corporativo. Shiv é a única mulher entre os herdeiros de um conglomerado midiático, e sua jornada é marcada por tentativas de afirmação em um contexto dominado por estruturas patriarcais, disputas de poder e exclusões simbólicas.

A pesquisa se ancora nos Estudos Culturais, especialmente na teoria da representação de Stuart Hall (2016) e nos estudos de gênero de autoras como Judith Butler (1990) e bell hooks (2000). Além disso, dialoga com os estudos sobre serialidade (Esquenazi, 2011; Mittell, 2012) e construção de personagens (Mittell, 2015; Rimmon-Kenan, 2005). A metodologia combina análise narrativa, focada na trajetória profissional da personagem, com a aplicação do modelo actancial de Greimas (1976) para mapear os sentidos construídos em torno de sua atuação no universo corporativo.

2. Fundamentação Teórica

A representação é um processo central na construção de sentidos culturais, sendo responsável por produzir significados que moldam a forma como compreendemos o mundo e as relações sociais. Stuart Hall (2016) define que “é a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem” (p. 34). Esse processo não apenas reflete a realidade, mas também a constitui, fixando sentidos que, com o tempo, passam a parecer naturais e incontestáveis. Como o autor explica, “o sentido não está no objeto, na coisa ou na palavra, somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável” (Hall, 2016, p. 42).

Essa perspectiva é fundamental para compreender as representações de gênero. Butler (1990) afirma que “se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo [...] e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (p. 17). Ou seja, o gênero não é uma essência natural, mas sim uma construção performativa, moldada pelas práticas sociais e pelas relações de poder.

hooks (2000) complementa essa discussão ao destacar que essas construções estão diretamente inseridas em um sistema patriarcal, que estrutura a cultura e impacta de forma significativa o acesso das mulheres aos espaços de poder. A autora enfatiza que “não poderia haver verdadeira sororidade entre mulheres brancas e mulheres não brancas se as brancas não fossem capazes de abrir mão da supremacia branca” (hooks, 2000, p. 75), evidenciando que as opressões de gênero são atravessadas por outros marcadores sociais, como raça e classe.

Essas dinâmicas se materializam de forma concreta no mercado de trabalho, especialmente quando se trata do acesso das mulheres a cargos de liderança. Eagly e Carli (2007) utilizam a metáfora do labirinto para descrever esse percurso, destacando que “como todos os labirintos têm uma rota viável para o centro, entende-se que os objetivos são alcançáveis. A metáfora reconhece obstáculos, mas não é desencorajadora” (p. 03). Além disso, o relatório *Women in the Workplace 2023* demonstra que essas barreiras não estão apenas no topo da hierarquia, mas já se manifestam no início da trajetória profissional: “O primeiro degrau da carreira das mulheres está quebrado. Quando as mulheres não são promovidas no mesmo ritmo que os homens no início de suas carreiras, a desigualdade se acumula ao longo do tempo” (McKinsey; LeanIn.Org, 2023, p. 8).

Refletir sobre essas tensões é essencial para entender como elas são representadas nas narrativas televisuais seriadas. A serialidade, como define Esquenazi (2011, p. 10), se diferencia de outros formatos. Suas histórias se desenvolvem a partir de uma lógica que combina “repetição, continuidade e variação” (Esquenazi, 2011, p. 27-28). Apesar das limitações técnicas e estruturais da televisão, o autor observa que “a criatividade inesgotável dos produtores de séries resulta diretamente da reflexão sobre as convenções” (Esquenazi, 2011, p. 28), o que permite a construção de narrativas que se desdobram ao longo do tempo, explorando diferentes núcleos, arcos e transformações.

Mittell (2012) contribui com essa discussão ao propor o conceito de narrativa complexa, característico das produções contemporâneas, definindo que “a complexidade narrativa na televisão baseia-se em aspectos específicos do storytelling que aparentemente são inadequados à estrutura seriada que diferencia a televisão do cinema e também a distingue dos modelos convencionais de formatos seriados e episódicos” (p. 30). Essa estrutura permite que os personagens se tornem dispositivos centrais na construção dos discursos culturais, desenvolvendo-se de forma aprofundada, carregando contradições, tensões e transformações.

Nesse contexto, Rimmon-Kenan (2005) afirma que as personagens são construções textuais montadas pelo leitor (ou espectador) a partir de pistas distribuídas ao longo da narrativa, operando dentro de uma “estrutura hierárquica” na qual “elementos individuais (como ações ou falas) são agrupados em padrões (por exemplo, ‘as relações de X com sua mãe’), que, por sua vez, podem ser generalizados em traços de caráter, como ‘ambivalência’” (p. 39-40). Mittell (2015) reforça que, especialmente nas séries, personagens são “seres ficcionais identificáveis, com vida interior, que existem como artefatos comunicativamente construídos” (p. 118), funcionando como simulacros de subjetividades.

Ainda assim, a construção de personagens não está isenta da reprodução de estereótipos. Hall (2016) explica que “a estereotipagem, enquanto prática de produção de significados, é importante para a representação da diferença racial” (p. 190), mas esse processo se estende para outras categorias, como gênero. O estereótipo atua fixando certos traços, que são “reduzidos a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza” (Hall, 2016, p. 190). Isso contribui para a produção de fronteiras simbólicas e para a manutenção das hierarquias sociais.

No caso das representações de gênero, essa dinâmica se manifesta na associação da liderança a traços historicamente masculinos, enquanto as mulheres são frequentemente representadas por meio de estereótipos que as vinculam à instabilidade, à emoção ou à fragilidade. Compreender esses mecanismos é fundamental para analisar como a série *Succession* constrói a trajetória de Siobhan Roy, cuja busca por legitimidade no ambiente corporativo é atravessada por essas tensões simbólicas, que a posicionam constantemente entre a promessa e a impossibilidade do poder.

3. Metodologia

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, interpretativo e descritivo, ancorada na análise narrativa e na análise de representação. O objeto central é a personagem Siobhan “Shiv” Roy, da série *Succession* (HBO, 2018–2023), com foco na forma como sua trajetória profissional é construída dentro da narrativa e como a personagem é representada e atravessada por tensões de gênero.

O percurso metodológico foi desenvolvido em quatro etapas. A primeira consistiu na imersão no objeto, com o acompanhamento integral da série, buscando compreender sua

estrutura narrativa, seus personagens e os principais conflitos que organizam a trama. Na segunda etapa, realizou-se uma revisão dirigida da série, com foco na trajetória de Shiv, selecionando episódios e cenas em que a personagem está diretamente envolvida em situações que mobilizam sua atuação no espaço corporativo e na disputa pela liderança.

A terceira etapa corresponde à aplicação do modelo actancial de Greimas (1976), utilizado como ferramenta para mapear os fios narrativos associados à trajetória profissional da personagem. Esse modelo parte da ideia de que toda narrativa pode ser decomposta em seis funções actanciais, organizadas em três pares: sujeito e objeto (relacionados ao querer), destinador e destinatário (relacionados ao saber) e ajudante e oponente (relacionados ao poder). O sujeito é aquele que busca o objeto, motivado pelo destinador, e quem se beneficia dessa busca é o destinatário. Ao longo desse percurso, o sujeito conta com a atuação de ajudantes, que facilitam sua jornada, e enfrenta oponentes, que oferecem resistência e criam obstáculos.

O modelo permite identificar, dentro dos fios narrativos relacionados a atuação profissional de Shiv, quais são os elementos que impulsionam sua busca por reconhecimento no ambiente corporativo, quem são seus aliados, quais forças atuam como opositoras e como esses elementos estruturam a trajetória da personagem. Trata-se, portanto, de uma ferramenta descritiva que auxilia na decomposição da narrativa, evidenciando as dinâmicas de poder, os conflitos e os sentidos construídos em torno da atuação profissional da personagem.

Por fim, a quarta etapa consistiu na análise interpretativa desse fio narrativo, articulando os referenciais teóricos sobre representação (Hall, 2016), gênero (Butler, 1990; hooks, 2000), serialidade (Esquenazi, 2011; Mittell, 2012) e construção de personagens (Rimmon-Kenan, 2005; Mittell, 2015). A partir desse percurso, busca-se compreender como a série constrói a trajetória de Shiv Roy, tensionando estereótipos e evidenciando os desafios enfrentados por mulheres na busca por posições de liderança.

4. Análise e principais resultados

A trajetória de Siobhan “Shiv” Roy na série *Succession* (HBO, 2018–2023) é marcada por uma constante busca por legitimidade no ambiente corporativo e na disputa pelo poder dentro da empresa familiar, o conglomerado de mídia e entretenimento Waystar Royco. Enquanto única filha mulher do patriarca Logan Roy (Brian Cox), Shiv ocupa, desde o

início da narrativa, uma posição ambígua, atravessada por tensões que envolvem tanto as dinâmicas familiares quanto os desafios impostos pela lógica corporativa, atravessada por estruturas patriarcais.

A análise da personagem permite observar como a série constrói uma representação das tensões vivenciadas por mulheres no mercado de trabalho, especialmente na busca por cargos de liderança. Shiv transita constantemente entre a promessa de acesso ao poder e os mecanismos simbólicos que desestabilizam, questionam e deslegitimam sua capacidade de ocupar esse espaço. Esse processo reflete desafios recorrentes enfrentados por mulheres no mundo corporativo, como apontam Eagly e Carli (2007) e McKinsey & LeanIn.Org (2023), que evidenciam como, mesmo quando há avanços em termos de presença feminina, o acesso à liderança segue sendo atravessado por barreiras invisíveis e processos de exclusão simbólica.

Foram identificados, dentro da narrativa da série, três principais fios narrativos que estruturam a atuação profissional da personagem e ajudam a compreender como essas tensões são representadas. O primeiro se refere à tentativa de afirmação profissional em um ambiente profundamente masculinizado, no qual Shiv precisa negociar sua entrada e permanência. Inicialmente, a personagem opta por construir sua carreira fora da Waystar Royco, apostando no ambiente político como uma forma de se afirmar longe das dinâmicas familiares. No entanto, ao decidir retornar e disputar espaço dentro da empresa, depara-se com resistências que não estão diretamente vinculadas às suas competências técnicas, mas sim à percepção social sobre seu gênero. Essa lógica reflete aquilo que estudos sobre liderança feminina descrevem como a dificuldade em ser percebida como legítima em ambientes onde a liderança é historicamente associada a traços masculinos, como assertividade, controle e racionalidade (Eagly; Carli, 2007).

O segundo fio narrativo diz respeito à constante deslegitimação simbólica que a personagem enfrenta, tanto no âmbito familiar quanto no espaço corporativo. Ao longo das quatro temporadas, Shiv é frequentemente posicionada como uma liderança potencial, mas nunca plenamente reconhecida como tal. Esse processo é mobilizado, principalmente, pela figura de Logan Roy, que a mantém em uma lógica de falsas promessas: a atrai para os negócios com a possibilidade de sua ascensão, mas, na prática, reforça sua descrença na capacidade da filha de ocupar um cargo de liderança. Essa dinâmica reproduz um fenômeno muito presente no mercado de trabalho, identificado no relatório *Women in the Workplace* (McKinsey; LeanIn.Org, 2023), que descreve como

mulheres são, muitas vezes, consideradas para promoções, mas com muito menos chances de serem efetivamente escolhidas quando comparadas aos homens.

O terceiro fio narrativo está vinculado à ambivalência da personagem na negociação entre sua identidade de gênero e as exigências do ambiente corporativo. Shiv é permanentemente desafiada a performar características associadas ao modelo tradicional de liderança, mas, quando adota posturas como assertividade, controle ou frieza, vistas como qualidades em homens, é frequentemente penalizada e percebida como arrogante, instável ou agressiva. Por outro lado, quando recorre a posturas mais conciliatórias ou afetivas, tem sua capacidade de liderança questionada. Essa tensão reproduz, de forma muito clara, aquilo que a literatura sobre estereótipos de gênero no mercado de trabalho aponta como um dos maiores desafios para mulheres em posições de liderança: o duplo padrão. Como mostram Eagly e Carli (2007), o mesmo comportamento que é valorizado em homens pode ser penalizado quando expresso por mulheres.

Ao aplicar o modelo actancial de Greimas (1976) sobre esses fios narrativos, é possível mapear como as dinâmicas de poder e exclusão estruturam a trajetória profissional da personagem. Shiv assume o papel de sujeito, cuja busca é conquistar legitimidade, reconhecimento e acesso efetivo ao poder dentro da Waystar Royco. Seu objeto de desejo, portanto, não é apenas ocupar um cargo, mas ser validada enquanto liderança, algo que, dentro desse contexto, não se apresenta como um direito natural, mas como um campo permanente de disputa.

O destinador, nessa lógica, é composto tanto pelas regras simbólicas do mercado de trabalho, que operam com base em uma cultura patriarcal, quanto, de maneira mais direta, pela figura de Logan Roy, que oferece a promessa do poder, mas também funciona como principal vetor de sua negação. O destinatário é, em última instância, ela própria, na medida em que a conquista desse espaço traz não apenas vantagens materiais, mas também a validação simbólica de sua capacidade profissional.

O percurso de Shiv é atravessado por oponentes claros e constantes. Logan ocupa essa posição de forma central, não apenas por negar diretamente sua ascensão, mas por utilizar uma série de dispositivos simbólicos para reforçar sua instabilidade e sua condição de outsider dentro da lógica de liderança da empresa. O próprio ambiente corporativo da Waystar Royco, profundamente estruturado em práticas que naturalizam a liderança masculina, também se configura como um oponente estrutural. Em contrapartida, seus ajudantes aparecem de forma instável, circunstancial e, muitas vezes, ambígua, como é o

caso de Tom Wambsgans (Matthew Macfadyen), seu marido, que alterna os papéis de aliado e opositor, dependendo das dinâmicas de poder que se estabelecem no casal e na própria empresa.

Essa configuração evidencia um dos principais achados deste trabalho: a trajetória de Shiv não é apenas uma disputa individual por uma posição de liderança dentro de uma empresa familiar, mas a representação simbólica de um processo social muito mais amplo, que atravessa mulheres no mercado de trabalho contemporâneo. Sua experiência reflete os desafios reais associados àquilo que Eagly e Carli (2007) descrevem como o “labirinto da liderança”: um percurso repleto de obstáculos, desvios e barreiras invisíveis, que exigem das mulheres um esforço muito maior para conquistar espaços que, para os homens, são frequentemente naturalizados como legítimos e incontestáveis.

A construção da personagem mobiliza, de forma crítica, os estereótipos de gênero, que operam na narrativa tanto como ferramentas de tensionamento quanto como mecanismos que limitam sua trajetória. Shiv é permanentemente confrontada pela impossibilidade de corresponder às expectativas que recaem sobre ela: se é assertiva, é arrogante; se é conciliadora, é fraca; se é ambiciosa, é gananciosa; se é contida, é desinteressada. Essa lógica reflete, de forma precisa, os mecanismos de estereotipagem descritos por Hall (2016), que explicam como certos grupos são fixados em atributos simbólicos que funcionam para reforçar as hierarquias sociais.

Em síntese, os resultados desta análise revelam que, embora *Succession* construa Shiv como uma personagem complexa, estrategista e ambiciosa, sua trajetória é marcada por um ciclo contínuo de promessas não cumpridas, deslegitimação simbólica e exclusão. A série não apenas espelha os desafios enfrentados por mulheres no mercado de trabalho, mas também evidencia, de forma crítica, como as estruturas patriarcais seguem operando, mesmo em contextos que, superficialmente, se apresentam como modernos, progressistas e abertos à diversidade.

5. Conclusão

Este trabalho analisou como a personagem Siobhan “Shiv” Roy, da série *Succession*, representa os desafios enfrentados por mulheres na busca por legitimidade no ambiente corporativo. A partir da articulação entre análise narrativa e estudos sobre representação, gênero e mercado de trabalho, foi possível observar como sua trajetória é atravessada por

processos de deslegitimação simbólica, tensões identitárias e barreiras estruturais que refletem as dinâmicas do mundo real.

Os resultados revelam que a série constrói uma personagem complexa, cuja busca por posições de liderança é constantemente tensionada por estereótipos de gênero e por uma lógica organizacional que naturaliza a exclusão feminina. Shiv é posicionada entre a promessa do poder e sua constante negação, funcionando como representação das contradições que ainda marcam o acesso das mulheres aos espaços de liderança.

A análise evidencia, ainda, como *Succession* mobiliza de forma crítica os estereótipos de gênero associados à liderança, expondo as armadilhas simbólicas que tornam o percurso feminino mais instável, desgastante e, muitas vezes, inviabilizado. A trajetória de Shiv reflete aquilo que a literatura chama de “labirinto da liderança”: um percurso que exige das mulheres negociações constantes, enfrentamento de barreiras invisíveis e resistência a processos contínuos de deslegitimação.

Diante disso, este estudo reforça a importância de compreender as produções televisuais seriadas como espaços de construção e disputa de sentidos sobre o social. Ao representar, tensionar e refletir sobre as dinâmicas de gênero no mercado de trabalho, a série não apenas espelha a realidade, mas também contribui para amplificar debates contemporâneos sobre liderança, poder e desigualdade.

Por fim, este trabalho também abre caminho para futuras investigações que possam aprofundar a análise da representação feminina em narrativas seriadas, seja por meio de estudos comparativos com outras personagens, outras obras ou mesmo pela articulação com recortes interseccionais que considerem raça, classe e sexualidade, ampliando, assim, as reflexões sobre as múltiplas camadas que atravessam as relações entre gênero, mídia e mercado de trabalho.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

EAGLY, Alice H.; CARLI, Linda L. *Through the labyrinth: the truth about how women become leaders*. Boston: Harvard Business Review Press, 2007.

ESQUENAZI, Jean-Pierre. *As séries: como os seriados dominam o mundo*. São Paulo: Aleph, 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural: pesquisa de método**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HALL, Stuart. **O papel da representação**. In: HALL, Stuart. Representação: cultura e significados nas práticas sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016. p. 15–64.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luísa Faria. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MCKINSEY & COMPANY; LEANIN.ORG. **Women in the workplace 2023**. 2023. Disponível em: <https://womenintheworkplace.com>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MITTELL, Jason. **Complex TV: The poetics of contemporary television storytelling**. Nova York: NYU Press, 2015.

MITTELL, Jason. **Narrativas complexas na televisão contemporânea**. Rumores, v. 6, n. 12, p. 27-47, 2012.

RIMMON-KENAN, Shlomith. **Narrative fiction: contemporary poetics**. 2. ed. Londres: Routledge, 2005.

SUCCESSION. Criação: Jesse Armstrong. Intérpretes: Brian Cox, Jeremy Strong, Sarah Snook, Kieran Culkin, Matthew Macfadyen. HBO, 2018–2023. 4 temporadas.